

CORPO CALEIDOSCÓPICO

DIÁLOGOS ENTRE ESPAÇO E PERCEPÇÃO

**PATRÍCIA OLIVEIRA
FAU/UFJF - 2017**



Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Patrícia Aparecida de Oliveira

CORPO CALEIDOSCÓPICO
Diálogos entre espaço e percepção

Monografia apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I.

Orientador: Prof. Msc Douglas Montes Barbosa

Juiz de Fora
Janeiro/ 2017

Dedico este trabalho a todos que me apoiam
e/ou me inspiram.

Eu me experimento na cidade, e a cidade existe através da minha experiência corporificada. A cidade e meu corpo se complementam e definem mutuamente. Eu moro na cidade e a cidade mora em mim.

PALLASMAA.

Resumo

O objetivo do trabalho é provocar o estreitamento de laços entre as pessoas e a cidade, buscando despertar a afetividade através da apropriação dos espaços públicos, do desenvolvimento da percepção sensorial e do olhar para os detalhes do cotidiano. A cidade deve habitar o imaginário, morar na memória, criar vínculos de identidade e pertencimento. O trabalho é apresentado em partes divididas e intituladas conceitualmente de acordo com a sensação que o tema abordado busca provocar. “A apneia”, primeira parte, apresenta de maneira introdutória um estudo das relações interpessoais e interespaciais características da sociedade contemporânea. “O suspiro”, segunda parte, aborda a importância da valorização da arte e da percepção sensorial para despertar os sentidos das pessoas com relação aos espaços da cidade, um novo olhar para a poética da vida urbana, a beleza do cotidiano, a valorização das coisas pequenas e simples. “O respiro”, terceira parte, busca através de um estudo de caso das cidades de Juiz de Fora e Florença, analisar as diferentes relações entre as pessoas e o meio. Essa análise tem a finalidade de detectar as características principais de apropriação dos espaços por diferentes culturas e servir como um fomento para um futuro projeto. “O fôlego”, quarta parte, é o resultado dos estudos realizados, apresentados na forma de diretrizes para o TCC II.

Palavras-chave:

Tempo. Espaço. Percepção.

Sumário

1. Prólogo.....	07
1.1. Apresentação do tema.....	08
1.2. Objetivos.....	09
1.3. Metodologia.....	10
2. A Apneia.....	11
2.1. Hipermodernidade Líquida.....	12
3. O Suspiro.....	17
3.1. Espaço Urbano.....	18
4. O Respiro.....	23
4.1. Breve histórico de Juiz de Fora.....	24
4.2. Breve histórico de Florença.....	27
4.2. Estudo Comparado.....	29
5. O Fôlego.....	41
5.1. Diretrizes para o TCC II.....	42
6. Epílogo.....	43
7. Bibliografia.....	45
8. Anexos.....	48



Figura 1: *Piazza Navona*, Roma.
Fonte: Feita pela autora.

1. Prólogo

A realização do trabalho de conclusão de curso sempre foi uma etapa acadêmica aguardada por mim, via nela a possibilidade de desenvolver um trabalho de investigação da relação homem x cidade, abordando a arquitetura e o urbanismo multidisciplinarmente, em um viés mais social, sensorial e artístico, que são as vertentes que mais me estimulam e os elos que tento buscar.

Dentre os fatores que me influenciaram na escolha deste tema, em primeiro lugar, vem o meu percurso acadêmico, os autores que vem me despertando mais interesse são os que permeiam campos e horizontes diversificados, principalmente nas ciências humanas e nas artes em geral. Em segundo lugar, a realização de um intercâmbio em Florença, na Itália, através do qual pude observar e sentir grandes diferenças comportamentais, individuais ou coletivas e na maneira das pessoas de experienciar a cidade. Em terceiro lugar uma inquietação que tenho com a sociedade contemporânea, sempre sem tempo, individualista e com os olhos perdidos na realidade virtual.

A partir da interconexão destes fatores surge a proposta do meu TCC I que acima de tudo busca expandir os horizontes, atribuir mais qualidade de vida nos espaços públicos e com isso alterar a frequência de um circulo vicioso no qual estamos presos.

A vida floresce nessa expansão dos sentidos. Sem ela, as pulsações são mais lentas, o tônus muscular é mais baixo, a postura carece de confiança, desaparecem as discriminações mais refinadas do olhar e do tato, talvez seja destruída a própria vontade de viver. Deixar à mingua os olhos, os ouvidos, a pele, é cortejar a morte, tanto quanto o é negar alimento ao estômago. (MUMFORD, 2008, p. 358).

1.1. Apresentação do Tema

Vivemos em uma sociedade refém do tempo e do medo. As pessoas estão sempre com tanta pressa que não sobra tempo para olhar ao redor e a presença massiva da tecnologia afasta o que está perto e aproxima o que está longe.

Agravando essa situação tem-se o caráter cada vez mais individualista da sociedade, um individualismo que pode ser visto de maneira positiva, pois tem relação com melhoria da condição social da população, mas que gerou de certa forma a perda do senso de comunidade. Os prédios cada vez mais altos afastam as pessoas da rua e as facilidades de entregas à domicílio isolam ainda mais. Por medo as pessoas evitam sair para passear, para comer ou para ir ao cinema. Quando o fazem procuram os locais fechados, que ofereçam algum tipo de segurança. Este medo e isolamento gera um

desconhecimento da cidade habitada e de seus habitantes, dificultando a criação de vínculos.

Um dos objetivos deste trabalho é romper com este círculo vicioso, estimulando a ocupação das ruas, e, por conseguinte, enchendo de vida os espaços urbanos e fazendo da rua a extensão da casa, o estímulo virá através da arte e de intervenções urbanas sensíveis e interativas.

Este tipo de medida contrapõe-se ao fenômeno de privatização e elitização dos espaços e do lazer que é atualmente vendido e almejado graças à publicidade.

Normalmente, procura-se ressaltar que a cidade se torna cada vez mais o lugar da diferença, acervo de minorias culturais, religiosas, linguísticas, étnicas, de níveis de renda, de estilos de vida, de arquiteturas e saberes que tendem a se isolar, mediante complexos processos de exclusão-inclusão, no interior de verdadeiros “subúrbios”, enclaves ou “fortalezas” (...). (SECCHI, 2012, p. 89).

1.2. Objetivos

O objetivo principal do trabalho é incentivar o fortalecimento dos laços entre as pessoas e a cidade, despertar um novo olhar para ela e para o modo de vivê-la. Acredito que quanto mais as pessoas conheçam a paisagem e os detalhes da cidade, suas histórias e seus personagens, mais se sentirão pertencentes ao lugar e irão querer lutar por ele e preservá-lo. Trazer as pessoas para as ruas para se apropriarem de todos os espaços, não só aqueles destinados e projetados para isso como no caso das praças e parques, e sim uma ocupação geral das ruas, calçadas, becos e esquinas, gerando interação e fortalecendo a coletividade.

Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas
Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços
Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva.

Pan-Américas de Áfricas utópicas, túmulo do samba
Mais possível novo quilombo de Zumbi
E os Novos Baianos passeiam na tua garoa
E novos baianos te podem curtir numa boa.

(Sampa – Caetano Veloso)

1.3 Metodologia

O trabalho se estrutura em quatro partes que perpassam da apneia ao fôlego, criando um trajeto que parte da compreensão da sociedade até culminar em apontamentos para o TCCII. Por se tratar de um trabalho baseado em uma experiência pessoal, além de recorrer à bibliografia consagrada, apresento também relatos de experiências e percepções pessoais.

Na primeira parte, chamada de “Apneia” é feita uma análise da sociedade contemporânea, buscando identificar possíveis causas e efeitos da maneira com a qual nos comportamos e nos relacionamos atualmente, esta análise é embasada principalmente nos escritos de Gilles Lipovetsky e Zygmunt Bauman.

A segunda parte, denominada “Suspiro”, consiste no estudo da relação do homem com o espaço, a base teórica desta é formada a partir de autores que discorrem sobre temas como a percepção sensorial, fenomenologia, arte e intervenções urbanas.

“O Respiro”, já na terceira parte, compreende um estudo comparado entre Juiz de Fora e Florença, através da metodologia desenvolvida por Gordon Cullen em seu livro “Paisagem Urbana”. Este estudo aborda fatores de uso e ocupação dos espaços, estímulos sensoriais e pertencimento.

Concluindo a monografia, é abordado o “Fôlego”, que consiste em exercício de síntese de todo o conteúdo exposto e analisado, sendo aqui apresentado em forma de diretrizes para o desenvolvimento do TCC II.



Figura 2: Arte Cidade, São paulo – SP, Nelson Kon
Fonte: http://www.nelsonkon.com.br/popup.asp?ID_Obra=29&ID_Foto=180

2. A Apneia

Apneia, segundo o dicionário Michaelis é a “suspensão temporária da respiração”. E é abordado aqui como a sensação ao observar as relações interpessoais e interespaciais da sociedade contemporânea.

LIPOVETSKY (2004, p. 48) afirma que “Por toda a parte, as operações e os intercâmbios se aceleram; o tempo é escasso e se torna um problema o qual se impõe no centro de novos conflitos sociais”.

As pessoas vivem em um permanente medo de perder tempo que interfere diretamente na maneira com que estas reagem aos estímulos da cidade. Existe uma constante preocupação com o atraso, com a violência, com os riscos, com o dinheiro, com a saúde, com ser feliz, enfim, a cabeça se torna um alvo fixo de bombardeamentos com preocupações e padrões a seguir, na maioria das vezes de cunho estritamente pessoal, que desenvolvem um fenômeno psíquico chamado por Simmel de atitude *blasé*.

Não há talvez fenômeno psíquico que tenha sido tão incondicionalmente reservado à metrópole quanto a atitude *blasé*. A atitude *blasé* resulta em primeiro lugar dos estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e compreensão concentrada, são impostos aos nervos. Dito isto também parece originalmente jorrar a intensificação da intelectualidade metropolitana. Portanto as pessoas estúpidas, que não tem existência intelectual, não são exatamente *blasé*. Uma vida em perseguição desregrada ao prazer torna uma pessoa *blasé* porque agita os nervos até seu ponto de mais forte reatividade por um tempo tão longo que eles finalmente cessam completamente de agir. (SIMMEL, 1973, p.16)

Como resultado pode-se notar as “pessoas-ilhas” inacessíveis umas as outras, cada uma buscando seu conforto interior. Diariamente prendem a respiração, mergulham nos seus afazeres e/ou prazeres pessoais e seguem a vida em um estado de apneia, que além da respiração bloqueia todos os outros sentidos.

2.1. Hipermodernidade Líquida

As cidades estão sem ar, andar pelos grandes centros pode ser comparado a estar em um campo de batalha. Os fluxos são rápidos e contínuos, sem espaços livres que possam ser usados para a retomada do fôlego, somado ao fato de estarmos vivendo em vias de trânsito rápido temos os excessos publicitários da cidade comércio, sons e imagens de todas as formas, tamanhos e cores, que poluem, aumentam o stress, obstruem a visão da paisagem da cidade e desnorteiam nossos sentidos.

Somos bombardeados de imagens como jamais ocorrera na história da humanidade. (...) Os computadores, os jogos eletrônicos, os videofones, a realidade virtual não passam de componentes dessa inflação. Os homens aprenderam a se adaptar a essa evolução. Eles “veem mais rápido” e compreenderam mais rápido as relações visuais. Em contrapartida, outros sentidos se atrofiam. (WENDERS, 1994, p. 183)

A busca insaciável pelo lucro das grandes empresas ultrapassa os limites da ética e do bom senso. Uma pessoa que assiste, lê ou ouve um noticiário não tem coragem em arriscar-se em sair à rua, esse terror psicológico midiático afasta as pessoas umas das outras e do meio em que vivem.

A televisão instaurou ao mesmo tempo uma proximidade e uma distância. Suas imagens eram mais frias, menos emotivas que as do cinema; e, além disso, ela nos afastou da ideia de que uma imagem pudesse possuir uma ligação direta com a “realidade” (...) ela isolou o observador: não é mais necessário deixar a casa, entrar na fila e se instalar em meio a estranhos para viver uma experiência comunitária, ou seja, social. (WENDERS, 1994, p. 182)

A televisão, e pensando mais recentemente também a internet, podem ser considerados membros da família, presença garantida na maioria dos lares ao redor do mundo, tem um papel fundamental na formação de opinião. Em muitos casos assumem o papel de “educadores” para as crianças, e são usados como fonte de informação e entretenimento para os adultos. São poucas as pessoas que conhecem a verdadeira face manipuladora e capitalista das grandes empresas de comunicação e muitas que creem em sua imparcialidade e integridade.

Através de uma simples análise da programação de uma TV aberta, por exemplo, é possível perceber sua influencia no modo de viver da população em diversos assuntos, como por exemplo, na insegurança, causada pelos telejornais através da espetacularização da violência; a preocupação exagerada com a imagem, saúde e bem estar causada por programas do gênero e o consumismo, influenciado pela publicidade insistente, feita de maneira explícita ou implícita. A combinação dessas temáticas e a forma como são abordadas busca moldar e alienar o grande público telespectador.



Figura 3: Manchetes de jornal.
Fonte: Feita pela autora.

O medo interfere na ocupação da cidade, as pessoas não se sentem seguras nos espaços abertos públicos e buscam pelo lazer nos lugares fechados e privados, que oferecem maior segurança e vigilância.

Para lutar contra o terrorismo e a criminalidade, nas ruas, nos shoppings centers, nos transportes coletivos, nas empresas, já se instalam milhões de câmeras, meios eletrônicos de vigilância e identificação dos cidadãos: substituindo-se à antiga sociedade disciplinar-totalitária, a sociedade da hipervigilância está a postos. A escala paroxística do “sempre mais” se imiscui em todas as esferas do conjunto coletivo. (LIPOVETSKY, 2004, p. 55)

O pragmatismo passa a ser uma doutrina almejada, as pessoas buscam a praticidade, traçam seus objetivos pessoais e buscam fazê-los no menor tempo possível. Presenciamos a correria diária das pessoas que caminham pela cidade apenas porque faz parte do seu trajeto, não olham ao redor, não interagem com o meio.

O ambiente da civilização do efêmero fez mudar o tom emocional. A sensação de insegurança invadiu os espíritos; a saúde se impõe como obsessão das massas; o terrorismo as catástrofes, as epidemias são regularmente notícias da primeira página. As lutas sociais e os discursos críticos não mais oferecem a perspectiva de construir utopias e superar a dominação. Só se fala de proteção, segurança, defesa das “conquistas sociais”, urgência humanitária, preservação do planeta. (LIPOVETSKY, 2004, p. 64)

A migração de pessoas dos lugares pequenos para os grandes também causa mudanças nas relações sociais. Lugares pequenos podem ser entendidos aqui como comunidades, bairros ou cidades onde as pessoas se conhecem, conhecem o sobrenome e as famílias uns dos outros, possuem vínculos por gerações e se sentem responsáveis umas pelas outras, onde geralmente as habitações são de pequeno porte e possuem visadas para a rua, possibilitando a vigilância constante, ou como classificou Jane Jacobs como os olhos da rua, “o principal atributo de um distrito urbano próspero é que as pessoas se sintam seguras e protegidas na rua em meio a tantos desconhecidos”. (JACOBS, 2000, p. 30).

Tais ruas, contam com um fluxo automobilístico menor, e assim possibilitam o uso pelos pedestres, as mães podem deixar seus filhos brincarem livremente e isso gera a interação entre as pessoas, que criam laços, conversam, brigam, cuidam umas das outras e assim se sentem mais seguras.

Podemos afirmar que a variedade moderna de insegurança é caracterizada distintivamente pelo medo da maleficiência e dos malfeitores humanos. Ela é desencadeada pela suspeita em relação a outros seres humanos e suas intenções, e pela recusa em confiar na constância e na confiabilidade do companheirismo duradouro e seguro, portanto confiável. (BAUMAN, 2007, p.62)

Quando uma pessoa sai dessa atmosfera e migra para um grande centro estas relações se perdem ou se enfraquecem, os prédios altos afastam as pessoas umas das outras e dos espaços compartilhados, a fofoca que acontecia na varanda passa a ser *online*, os vínculos geralmente são criados de maneira superficial, o indivíduo passa a ser conhecido pelo status social e pelo cargo que ocupa, intensifica-se a individualidade e a sensação de insegurança.

Os medos especificamente modernos nasceram na primeira rodada de desregulamentação-com-individualização, no momento em que os vínculos inter-humanos de parentesco e vizinhança, estreitamente atados por laços comunitários ou empresariais, aparentemente eternos, mas de qualquer modo sobrevivendo desde os tempos imemoriais, tinham sido afrouxados ou rompidos. (BAUMAN, 2007, p.73)

Esta individualidade, caracterizada por um afrouxamento nas relações afetivas, parece causar um redirecionamento da carência das pessoas para as redes sociais, estas passam muitas ou todas as horas do dia conectadas e compartilhando suas experiências pessoais.

É um tipo de individualidade coletiva, e nesse meio parece ser mais importante registrar um momento do que vivê-lo, uma constante necessidade de afirmação e de publicidade pessoal. A *selfie* pode ser considerada sua maior representante, é feita aos milhares por milhões de pessoas diariamente. A própria leitura corporal da *selfie* é intrigante, pois a pessoa deve virar as costas para o objeto, seja ele uma obra de arte, uma arquitetura ou uma paisagem e o ato de mostrar-se presente sobressai à experiência do momento.

A ordem da vez é seja feliz, a imagem é vendida de uma maneira que faz crer que se pode tudo, liberdade para ser o que quiser, mas essa liberdade torna-se opressora, a medida que, nas entrelinhas, injeta no subconsciente padrões de comportamentos ideais a serem seguidos para encaixar-se no senso comum de felicidade.

O hiperindividualismo coincide não apenas com a internalização do modelo do *homo oeconomicus* que persegue a maximização de seus ganhos na maioria das esferas da vida (escola, sexualidade, procriação, religião, política, sindicalismo), mas também com a desestruturação de antigas formas de regulação social dos comportamentos, junto a uma maré montante de patologias, distúrbios e excessos comportamentais. (LIPOVETSKY, 2004, p. 56).



Figura 4: Cena do filme “Cinema Paradiso”
Fonte: <https://education.burnsfilmcenter.org>

3. O Suspiro

O suspiro é abordado aqui como o encantamento quando se encontra o ar para respirar e este oxigena o corpo e a alma. É a busca de uma válvula de escape que permita se livrar da apneia através da arte, da experiência sensorial e da vivência urbana. O despertar dos sentidos das pessoas para a cidade que as cerca para a poética da vida urbana e para a beleza das coisas pequenas e simples.

Um convite para perder tempo, apropriar os espaços, devanear, contemplar e criar laços.

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que se reflui das recordações e se dilata. (...) Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 2003, p. 15)

3.1. Espaço Urbano

A natureza efêmera e complexa das cidades contemporâneas são fatores que dificultam sua leitura e compreensão; e os métodos de análise urbana mais praticados atualmente, através de meios digitais, guiados por números, tabelas e vistas aéreas torna o processo frio e distante da realidade.

A cidade contemporânea parece opor uma firme resistência à descrição, sobretudo se ela é feita sob as formas codificadas do urbanismo moderno. A partir da metade do século XIX, mas, sobretudo, nas últimas décadas, principalmente o cinema, o trabalho dos fotógrafos e dos videoartistas, das artes visuais e da música tem procurado recuperar algumas de suas mais disseminadas características visuais, táteis e sonoras, algumas das práticas sociais de que ela é investida e a própria efemeridade delas; são estes trabalhos que têm tentado mostrar-nos o quanto tudo isso, no fundo, se assemelha, seja em Pequim ou em qualquer cidade europeia. (SECCHI, 2012, p. 88)

Convivemos com muitos “projetos padrões”, que são repetidos em série, sem que sejam estudadas e compreendidas ante as particularidades do lugar. Como resultado tem-se projetos abandonados ou subutilizados.

Somado ao excesso de poluição visual que se espalha desenfreadamente engolindo a cidade, além dos gigantes outdoors, a publicidade ocupa as fachadas dos prédios, as portas das lojas e qualquer brecha por menor que seja.

Como elas (as imagens) nossas cidades se tornaram cada vez mais frias, cada vez mais distanciadas. Como elas, nossas cidades são cada vez mais alienadas e alienantes; como as imagens, as cidades nos constroem a

viver com frequência cada vez maior “experiências de segunda mão”, e têm uma orientação cada vez mais comercial. (WENDERS, 1994, p. 184)

Paola Berenstein Jacques em seu livro “Elogio aos errantes”, que resumidamente pode ser descrito como um “elogio da valorização de um tipo de experiência cada vez mais rara nas cidades contemporâneas: a experiência urbana da alteridade” apresenta essa experiência e faz uma cronologia das diversas épocas e nomenclaturas precedentes.

O primeiro momento, flanâncias, corresponde principalmente à recriação da figura do flâneur em Baudelaire, no *Spleen de Paris* ou no *Les fleurs du mal*, tão bem analisada por Walter Benjamin nos anos 1930. Benjamin também praticou a flânerie, principalmente em Paris e em suas passagens cobertas, ou seja, as flanâncias urbanas, a investigação do espaço urbano pelo flâneur. O segundo momento, deambulações, corresponde às ações dos dadaístas e surrealistas, às excursões urbanas por lugares banais, às deambulações aleatórias organizadas por Aragon, Breton, Picabia e Tzara, entre outros. Desenvolve-se a ideia de *hasard objectif*, também relacionada à experiência da errância no espaço urbano, base dos manifestos surrealistas, do *Nadja*, de Breton, ou ainda do *Paysan de Paris*, de Aragon. Já o terceiro e último momento, derivas, corresponde ao pensamento urbano dos situacionistas, uma crítica radical ao urbanismo moderno, que também desenvolveu a noção de deriva urbana, de errância voluntária pelas ruas, principalmente nos textos e ações de Debord, Vaneigem, Jorn ou Constant. (JACQUES, 2012, p.33).

Assumiremos aqui a prática das errâncias urbanas com uma forma de tentar aproximar as pessoas e a cidade.

Os errantes são, então, aqueles que realizam errâncias urbanas, experiências urbanas específicas, a experiência errática das cidades. A experiência errática afirma-se como possibilidade de experiência urbana, uma possibilidade de crítica, resistência ou insurgência contra a ideia do empobrecimento, perda ou destruição da experiência a partir da modernidade (...). (JACQUES, 2012, p.19).

Recriando a figura do errante ou *flâneur* em Wim Wenders, cineasta, dramaturgo, fotógrafo e produtor de cinema alemão, mas acima de tudo um viajante, e daí vem sua autoridade para falar sobre a cidade, em seu texto “A Paisagem Urbana” (1994) traça paralelos entre o trabalho do cineasta e do arquiteto e urbanista e faz observações pertinentes sobre as cidades contemporâneas.

O cinema é o espelho adequado das cidades do século XX e dos homens que ali vivem. Mais que outras artes o cinema é um documento histórico do nosso tempo. Esta que chamam de sétima arte é capaz, como nenhuma outra arte, de apreender a essência das coisas, de captar o clima e os fatos do seu tempo, de exprimir suas esperanças, suas angústias e seus desejos numa linguagem universalmente compreensível. (WENDERS, 1994, p. 181)

Wenders é enfático ao falar sobre o bombardeio de imagens que vivemos no mundo atual e como isso nos molda e altera nossa relação com o mundo, ele afirma que “(os homens) veem mais rápido e compreendem mais rápido as relações visuais. Em contrapartida os outros sentidos se atrofiam” e compara as consequências da dominação pela publicidade que as cidades e o cinema sofreram.

O que é pequeno desaparece. Em nossa época só o que é grande parece poder sobreviver. As pequenas coisas modestas desaparecem, bem como as pequenas imagens modestas ou os pequenos filmes modestos. E para as cidades, esta mesma perda das pequenas coisas modestas é ainda mais manifesta e, sem dúvida, de maior relevância. (WENDERS, 1994, p. 184)

Pode-se traçar um paralelo com a realidade da espetacularização das cidades, as operações urbanas de “revitalização” que se preocupam com a construção de um cenário belo aos olhos, turístico e lucrativo, mas que na prática pode ser negativo para os habitantes locais e gerar a gentrificação, “as pessoas são obrigadas a partir para os bairros periféricos: os centros estão muito caros”.

Na história do cinema, os pequenos filmes foram o berço da criatividade, das novas ideias, dos conteúdos audaciosos, das histórias humanas quentes e verdadeiras. Os pequenos filmes foram reservatórios do pensamento. Numa cidade o que é pequeno, vazio, aberto, é a fonte de energia que nos permite recarregar as forças, que nos protege contra a hegemonia do que é grande. (WENDERS, 1994, p. 185)

Ainda sobre o tema da importância de preservar o pequeno e o vazio Wenders faz um pedido aos arquitetos que “não projetem apenas construções, criem também os espaços livres que preservem o vazio, para que o cheio não nos obstrua a vista, que ele deixe o vazio para o nosso descanso”.

PEIXOTO (2004) também reconhece a importância do vazio que descreve como a “aquilo que torna possível a visão” e ressalta que “o problema está precisamente em apreciar a beleza do vago e do indeterminado”.

Felizmente, essas preocupações aqui expostas, com a falta de espaços públicos, a espetacularização das cidades, problemas com mobilidade e etc., são cada vez mais discutidas e divulgadas. E nas cidades em que a política pública não investe no direito a cidade vemos surgir cada vez mais os grupos que fazem seus trabalhos de “formiguinhas”, ou seja, intervenções pontuais, de pequena escala, para um pequeno grupo de pessoas, mas que alimentam a força da mudança e estimulam outras pessoas a seguirem o mesmo caminho. São inúmeros coletivos que,

possivelmente através de suas experiências erráticas na cidade, perceberam as carências de uma determinada região e tentam de alguma forma melhorar mudar esta situação.

Como alguns exemplos podemos citar o coletivo “Poro” (ANEXO A) que através de sua intervenção “Perca Tempo” busca chamar a atenção das pessoas para esse fenômeno da pressa e da falta de tempo.

O coletivo “Lotes Vagos” (ANEXO B), como o próprio nome diz, ocupa lotes vagos temporariamente fazendo acordo com os proprietários, sua intervenção “banquete” organiza refeições coletivas para a comunidade. Na mesma linha de raciocínio, o escritório “UCAM Arquitectura” (ANEXO E) criou o projeto “Aula de Arquitetura Social”, propondo o uso de lotes vazios como espaço público e como gerador de renda.

O coletivo “Basurama” (ANEXO C) faz inúmeras intervenções urbanas com materiais refutados, em sua intervenção “Equipamento Extraordinário” criou uma rede gigante para crianças e adultos, o resultado foi um espaço democrático para brincar e descansar.

A dupla de artistas “VJ Suave” (ANEXO D) em sua intervenção “Suaveciclo” percorre a cidade com uma bicicleta equipada com projetores e som e fazem suas projeções animadas pelas ruas e nas fachadas dos prédios.

“Todo por la praxis” (ANEXO F), coletivo espanhol, criou todo o mobiliário necessário para um cinema itinerante, o “Cinema Usera”, que funciona atualmente em um terreno vazio e oferece para a comunidade exibição de filmes, apresentações de teatro e dança, dentre outras coisas.

O fotógrafo Anders Ryman (ANEXO G) expõe ao ar livre sua série de fotos “Rites of life” por várias cidades, levando suas fotografias para as ruas ele democratiza o acesso a arte.

A dupla “Tri-oh!” (ANEXO H) em sua intervenção “Cité Surprise”, que através de uma intervenção que envolve o corpo e a fotografia revela pequenos detalhes da cidade.

Estes são alguns exemplos de pessoas que estão buscando uma maior qualidade para os espaços públicos, através da sensibilidade, da arte e da coparticipação. O objetivo aqui é estimular, contribuir e fazer crescer!



Figura 5: *Piazza del Popolo*, Roma.
Fonte: Feita pela autora.

4. O Respiro

Depois do suspiro, encontrado nas experiências espaciais como caminho para tentar aliviar a apneia, podemos respirar.

O respiro aqui é entendido como um momento de análise e reflexão da situação que estamos e do que podemos fazer para melhorar.

Desenvolve-se com um breve histórico das cidades de Juiz de Fora e Florença e a realização do estudo comparado entre elas analisando as diferentes relações entre as pessoas e os espaços, procurando entender as características principais do desenho urbano e da apropriação e nas diferentes cidades e a partir disso lançar diretrizes para o TCC II.

A escolha das duas cidades vem da experiência que pude obter vivendo em ambas.

É sabido que as duas cidades possuem grandes diferenças históricas, políticas, econômicas e culturais e com isso é natural que haja também diferenças comportamentais de seus habitantes. A comparação neste caso tem a intenção de encontrar referências positivas e tangíveis que possam ser trazidas e adaptadas para a realidade juiz-forana.

A metodologia seguida para a realização do estudo de caso baseia-se no livro “Paisagem Urbana” de Gordon Cullen.

4.1. Breve histórico de Juiz de Fora



Figura 6: Juiz de Fora, Brasil.
Fonte: <http://cidadesemfotos.blogspot.com.br>

Juiz de Fora! Juiz de Fora!
Guardo entre as minhas recordações
Mais amoráveis, mais repousantes
Tuas manhãs!

Um fundo de chácara na Rua Direita
Coberto de Trapuerabas
Uma velha jabuticabeira cansada de doçura
Tuas três horas da tarde...

Tuas noites de cineminha namorisqueiro...
Teu lindo parque senhorial mais segundo reinado do
que a própria Quinta da Boa Vista...
Teus bondes sem pressa dando voltas vadias...

Juiz de Fora! Juiz de Fora!
Tu tão de dentro deste Brasil!
Tão docemente provinciana...
Primeiro sorriso de Minas Gerais!

(Manuel Bandeira)

Santo Antônio do Paraibuna foi elevada à categoria de cidade no ano de 1853, quando foi desmembrada de Barbacena e elevada à categoria de município, surgiu através da construção do “Caminho Novo”, estrada construída por volta do ano de 1703 que ligava as regiões das minas de ouro ao Rio de Janeiro. O “Caminho Novo” passava pela Zona da Mata Mineira, uma área que era de mata fechada e povoada por índios das tribos Coroados e Puris e que depois da construção da estrada começou a ser povoada por um maior número de pessoas que vinham ficar nas hospedarias e nos armazéns alocados ao longo de sua extensão. Posteriormente o Império iniciou a distribuição de terras para as pessoas de origem nobre, as sesmarias, que depois se desenvolveram como grandes fazendas produtoras de café. Em 1865 a cidade recebeu o nome de Juiz de Fora.

Juiz de Fora através de uma produção de café muito expressiva tornou-se rapidamente um núcleo urbano na região. Contava com uma população com um maior número de escravos do que de homens livres.

As imigrações alemãs e italianas começaram a ser estimuladas em 1850 com o objetivo de trazer para a região mão-de-obra especializada para a construção da estrada União e Indústria, além de povoar a região e valorizar as terras com a produção de alimentos para abastecer as lavouras de café.

Muitos colonos não conseguiram se adaptar bem e foram aos poucos abandonando suas terras e se integrando às atividades urbanas

Mais europeia que colonial Juiz de Fora, cidade do século XIX, em estreita vinculação com o dinamismo do Rio de Janeiro, não participou da cultura colonial mineira. Seu desenvolvimento industrial, pautado pela modernização capitalista, trouxe para a cidade, além de apitos das fábricas e da luz elétrica, o desejo de civilizar-se nos moldes dos centros europeus. Seus teatros, cinemas e intensa atividade literária refletiam a vontade de criar uma nova imagem para a cidade, fugindo à tradição escravista. (site da prefeitura de Juiz de Fora, acesso em 27/11/2016, às 20:43 <https://www.pjf.mg.gov.br/cidade/historia.php>)

A cidade de Juiz de Fora sempre foi marcada por um desenvolvimento acelerado e descontrolado e por seu pioneirismo em diversas áreas, mas todo esse progressismo custou caro quando se pensa na sua atual arquitetura e morfologia urbana, assim como nas perdas irreparáveis do patrimônio histórico da cidade.

Segundo o IBGE, em julho de 2016, a população de Juiz de Fora estava estimada em cerca de 560 mil habitantes, a cidade ocupa uma área de 1 429,875 km², sendo que apenas 317,740 km² estão em perímetro urbano, a temperatura média anual é de 19,25°C, a vegetação predominante é a mata atlântica e o seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,778.

Uma cidade universitária, com tantos artistas e intelectuais, mas ainda com políticas públicas obsoletas e representantes ultrapassados.

As políticas públicas não abraçam o rio, ainda estão presas no pensamento modernista dos carros em primeiro lugar, não valorizam os espaços públicos, são segregadoras. A cidade é muito segregada, e este é um problema global, mas os investimentos continuam sendo sempre pra melhorar as áreas que já possuem uma boa qualidade de infraestrutura, como no centro e bairros da zona sul, e as outras áreas, as realmente carentes são deixadas de lado, assim como as pessoas que ali habitam.

Tanto do seu patrimônio já foi perdido, mas parece que nada foi aprendido. Uma cidade que não olha para o seu passado e para seus personagens não consegue construir um bom futuro.

Fazendo uma análise da Juiz de Fora dos dias atuais, e lembrando seu histórico de cidade de vanguarda, apesar de todas as críticas realizadas até aqui a vemos

como uma cidade com um grande potencial, que infelizmente está sendo desperdiçado.

4.2 Florença



Figura 7: Florença, Itália.
Fonte: Feita pela autora.

Florença... que serenidade imensa
Nos teus campos remotos, de onde surgem
Em tons de terracota e de ferrugem
Torres, cúpulas, claustros: renascença

Das coisas que passaram mas que urgem...
Como em teu seio pareceu-me densa
A selva oscura onde silêncios rugem
No meio do caminho da descrença...

Que tristes sombras nos teus céus toscanos
Onde, em meu crime e meu remorso humanos
Julguei ver, na colina apascentada

Na forma de um cipreste impressionante
O grande vulto secular de Dante
Carpindo a morte da mulher amada...

Vinícius de Moraes

Na cidade de Florença encontram-se algumas evidências de que ela tenha sido ocupada nos períodos pré-históricos, mas tomaremos como base neste caso seu modelo e fundação nos tempos romanos.

A cidade foi planejada de forma retangular e murada em sua extensão que correspondia a 18 km e construída na confluência do Rio Arno e Rio Mugnone.

Pode-se ainda detectar a marca de Roma em toda uma série de cidades na Itália e noutros lugares: Nápoles, Bolonha, Parma, Placência, Óstia achavam-se entre as primeiras fundações da República, ao passo que, no século I d.C., como Gávia, Verona e Florença se seguiram. Todas essas cidades eram planejadas como unidades, com quarteirões de mais ou menos 75 metros de lado, e com seus espaços abertos e edifícios públicos devidamente situados no começo, em relação às principais artérias. (MUMFORD, 2008, p. 254)

As praças, campos e ruas em arcadas da cidade italiana mais recente foram resultado direto do planejamento romano; e, embora os mercados medievais diferissem funcional e arquitetonicamente do fórum romano, seria tolo pensar neles como uma inovação totalmente independente. Os espaços abertos da cidade, na verdade, não assumiram uma forma radicalmente nova até o século XVIII. (MUMFORD, 2008, p. 254)



Figura 8: Praça da Catedral Santa Maria Del Fiore
Fonte: <http://www.duomofirenze.it/storia/piazza.htm>

Contudo, a superposição de atividades humanas servindo a diversas finalidades é característica da cidade clássica, e continua sendo uma de suas maiores contribuições, não menos por causa de sua economia espacial. (...) O espaço aberto ao redor do Duomo de Florença mostrado com a torre de Giotto e o Batistério, tinha uma utilidade importante para as

grandes procissões religiosas, como aqui se mostra. Mas também essa foi uma das muitas funções preenchidas pelas praças das igrejas e pelas praças de mercado, diante das municipalidades, tais como alegorias seculares, representações teatrais e – lamentavelmente – execuções públicas. (MUMFORD, 2008, [26])

Florença é uma das cidades mais importantes do mundo e segundo a UNESCO, 60% dos tesouros artísticos da humanidade estão na Itália, sendo que a metade encontra-se em Florença. Uma cidade com um passado muito denso e muito importante, que impossibilita a realização de um breve histórico. Fazendo um recorte no tempo e saltando para o século para o século XX, quando Florença foi capital da Itália, entre 1864 e 1870, e passou por muitas reformas, entre elas, a derrubada da muralha, para a construção de vias maiores e praças, espraiamento da cidade, aconteceu nesta época a criação de novos bairros, pois a população havia crescido em cerca de 50.000 pessoas. Aconteceram também grandes demolições de casa, aos moldes higienistas, para construção de praças e palácios.

(No) período do pós-guerra acentuou-se para Florença a cisão entre “città d’arte” e “cidade contemporânea” Novas formas de lucro associaram-se a sua imposição como “città d’arte” na ordem de consumo em massa. Seu centro histórico tornou-se privilegiado na estratégia de acumulação de capital da cidade. Internamente a “città d’arte” promoveu-se ainda um segundo nível de censura, em todo seu núcleo arquitetônico de maior prestígio. Configurado num grande eixo urbano, as áreas nele envolvidas, são hoje, locais de ‘passagem’, com alta rotatividade. Nesse movimento, ‘Florença contemporânea’ tem potencializado tanto quanto possível o desfrute de sua excepcional dotação artístico-cultural, como um patrimônio rentável e, embora vulnerável, tratado como sendo praticamente inesgotável. (PALLAMIN, 1996, p. 11).

Florença é uma cidade de poucos habitantes, onde se consegue levar uma vida tranquila, longe dos pontos turísticos. O turismo a está quase levando ao colapso, no ano de 2016 foram 9 milhões de pessoas que apesar da fortuna movimentada deixa algumas autoridades em estado de alerta.

Em nenhuma outra cidade que eu conheça, uma parte tão grande do “passado utilizável” continua a ser ativamente usada, não num espírito piedoso de conformismo, mas como uma visão contínua da vida cotidiana. (MUMFORD, 2008, [24])

4.3. Estudo Comparado

O estudo comparado das cidades de Juiz de Fora e Florença será baseado no livro “Paisagem Urbana” de Gordon Cullen.

Existe, sem dúvida alguma, uma arte do relacionamento, tal como existe uma arte arquitetônica. O seu objetivo é a reunião dos elementos que concorrem para a criação de um ambiente, desde os edifícios aos anúncios e ao tráfego, passando pelas árvores, pela água, por toda a natureza, enfim entretecendo esses elementos de maneira a despertarem emoção ou interesse. Uma cidade é antes do mais uma ocorrência emocionante no meio-ambiente. (CULLEN, 1983, p. 10)

Em seu livro o autor investiga as reações emocionais que nos são suscitadas pelo meio-ambiente independentemente das nossas vontades. E faz essa investigação a partir de três aspectos: óptica, local e conteúdo. Em nosso estudo nos atemos a investigação local, que será feita no centro das duas cidades.

Este segundo ponto (local) diz respeito às nossas reações perante nossa posição no espaço. (...) Uma vez que o nosso corpo tem o hábito de se relacionar instintiva e continuamente com o meio ambiente, o sentido da localização não pode ser ignorado e entra, forçosamente em linha de conta na planificação do ambiente (...). (CULLEN, 1983, p. 11).

1. Território Ocupado

Abrigo, sombra, conveniência e um ambiente aprazível são as causas mais frequentes da apropriação de espaço, as condições que levam à ocupação de determinados locais. O facto de se assinalarem esses locais com elementos de carácter permanente pode contribuir para indicar os tipos de ocupação que existem na cidade e criar um meio-ambiente que não seja fluido e monótono, mas sim estático e equipado. (CULLEN, 1983, p. 13).

Juiz de Fora é carente de espaços públicos aprazíveis, contamos com poucos exemplos, dentre eles o Parque Halfeld (figura 9), que é um local de passagem e permanência muito utilizado pela população por possibilitar diversos usos e ser um respiro em meio ao caos urbano, o seu uso mais intenso é diurno.

Florença conta com muitos espaços públicos aprazíveis, caminhar pela cidade é se surpreender constantemente, quando menos espera, ao dobrar de uma esquina, depara-se com uma “*piazza*”, ou uma “*piazzeta*”, lugares pequeninos e

aconchegantes, onde podemos sentar um pouco, comer um “*panino*” e recuperar o fôlego para continuar a caminhada.

A *Piazza Santo Spirito*, em Florença (figura 10), é uma das mais movimentadas da cidade, durante o dia recebe feiras e durante a noite o público vem para os bares e restaurantes.



Figura 9: Parque Halfeld, Juiz de Fora
Fonte: <https://tudoqueseve.files.wordpress.com/>



Figura 10: *Piazza Santo Spirito*, Florença.
Fonte: <http://leavingsanity.ca/wp-content/uploads/florence-day9-3.jpg>

2. Privilégio

Verifica-se igualmente que há duas linhas privilegiadas susceptíveis de ocupação: a linha ao longo da guarda de uma ponte, por exemplo, parece constituir um local de eleição, pela qualidade imediata da vista que proporciona sobre a paisagem. (CULLEN, 1983, p. 26).

Juiz de Fora virou as costas para o seu Rio Paraibuna (figura 11), que está com altos índices de poluição, apesar dos recentes projetos de despoluição. Ao longo do rio existem calçadas para caminhada e corrida, mas estas são estreitas e estão esburacadas, existem também algumas academias públicas, mas não possui locais aprazíveis de permanência. O uso é muito baixo comparado ao potencial, causado também pela sensação de insegurança, por contar com trechos desertos e com a mata alta.

Em Florença a situação é oposta e o *Fiume Arno* (12) é uma linha privilegiada muito contemplada e um dos principais pontos da cidade. As calçadas também são estreitas ao longo do rio, porém é possível sentar-se nas muretas e pontes ao longo do mesmo e em alguns pontos é possível estar “dentro” do rio sobre uma espécie de laje ou em bancas de areia.



Figura 11: Rio Paraibuna, Juiz de Fora.

Fonte: <https://pensararte.com.br/2011/12/13/desconexa-odisseia/>



Figura 12: *Fiume Arno*, Florença.

Fonte: Feita pela autora.

3. Enclaves

O enclave, ou espaço interior aberto para o exterior, e que permite acesso livre e directo entre ambos, (...). Local tranquilo, onde os passos ressoam e a luminosidade é atenuada, onde se fica apartado do burburinho da rua e se disfruta, simultaneamente, o exterior, de um ponto de observação bem situado e seguro. (CULLEN, 1983, p. 27).

As galerias (figura 13) fazem parte da identidade de juiz-forana e são responsáveis por gerar dinamismo no centro, propiciando percursos agradáveis de fazer e encurtando as distâncias. Inspiradas nas galerias parisienses são herança de uma Juiz de Fora rica e industrializada.

O *Mercato nuovo* (figura 14) é um importante mercado aberto de Florença, atualmente especializado em venda de couro, mas que em décadas passadas teve outros produtos principais como a palha e a seda. O mercado é cheio de lendas que atrai muitos visitantes todos os dias além dos compradores.



Figura 13: Galeria Pio X, Juiz de Fora.

Fonte: <http://ficult.blogspot.com.br/2012/06/juizde-fora-inicio-do-seculo-xx.html>.



Figura 14: Mercato nuovo, Florença.

Fonte: Feita pela autora.

4. Recintos

(...) É a unidade base duma certa morfologia urbana. Fora dele, o ruído e o ritmo apressado da comunicação impessoal, vai-vem que não se sabe para onde vai e nem donde vem: no interior, o sossego e a tranquilidade de sentir que o largo, a praceta, ou o pátio tem escala humana. (CULLEN, 1983, p. 27).

O conceito de recinto feito por Cullen coloca um pouco em dúvida se em Juiz de Fora existe um exemplo fiel à descrição, mas talvez um representante mais próximo seja a Praça João Pessoa (figura 15), apesar de sua proximidade e abertura para o movimentado calçadão proporciona um pouco mais de tranquilidade, além de possuir a escadaria do Cine Teatro Central que é um ponto de encontro e de descanso pra muitas pessoas.

Como já foi dito, ao longo de Florença se encontram muitos recintos semelhantes a *Piazza della Passera* (Figura 16), locais que são encontrados inesperadamente por haverem um acesso quase imperceptível, que são lugares muito tranquilos e apesar de estarem no centro passam a tranquilidade de uma praça de bairro.



Figura x : Praça João Pessoa, Juiz de Fora.
Fonte: <http://www.ufjf.br/minasecinema/>



Figura 16 : *Piazza della Passera*, Florença.
Fonte: <http://girlinflorance.com/>

5. Ponto Focal

Associado com o recinto e, com este, designado à ocupação de um determinado espaço, o ponto focal é o símbolo vertical da convergência. Nas ruas mais animadas e nos largos dos mercados de vilas e cidades, o ponto focal (seja coluna ou cruz) define a situação surge como uma confirmação: <É este o local que procuravam. Pare. É aqui.> (CULLEN, 1983, p. 28).

Mais uma vez, seguindo fielmente a descrição de Cullen talvez não encontremos um exemplo de Ponto Focal em Juiz de Fora, no que tange o ponto focal como sendo “uma coluna ou uma cruz” e até nos espaços que contam com estátuas altas essas não assumem o papel da identificação do local que muitas vezes recai sobre os edifícios mais imponentes e os pontos mais altos, como por exemplo, o Morro do Cristo (Figura 17), que pode ser visto em diversos pontos da cidade e que nos faz

sentir em Juiz de Fora. Talvez uma equivalência a esse tipo de referencia em Florença seria a Cúpula da Catedral *Santa Maria Del Fiore*.

Em Florença, um importante ponto focal, nos moldes daqueles descritos por Cullen se encontra na *Piazza Santa Trinità* (Figura 18), quando se chega nessa praça “sem querer” localização é imediata ao avistar o ponto focal.



Figura 17 : Morro do Imperador (fundo), Rua Halfeld, Juiz de Fora.
Fonte: <http://historiacomerciojuizfora.blogspot.com.br/p/a.html>



Figura 18 : *Piazza Santa Trinità*, Florença.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/hen-magonza/14525703783>

6. Unidades Urbanas

[No exemplo 1] Interiormente, a edificação compacta dum cidade de peões, com seus recintos e, sem dúvida, as áreas de viscosidade, os seus pontos focais e seu enclaves. [No exemplo 2] Observa-se a desorganização de alguns dos elementos anteriores, numa combinação caótica de casas e veículos da qual resulta uma desvalorização, quer em relação ao tráfego, quer aos peões. (CULLEN, 1983, p. 29).

O centro de Juiz de Fora (Figura 19) é voltado para os automóveis, é cortado por diversas vias de trânsito rápido e grandes avenidas. A linha férrea tange o centro, é alvo de constantes campanhas pela sua retirada, mas considero como fator mais agravante o fato da linha férrea não ser usada para transporte de passageiros, um mudança que seguramente traria mais conforto aos habitantes de zonas mais afastadas e das cidades vizinhas.

Em Florença (Figura 20), no centro as vias são compartilhadas, tendo como preferencia os pedestres, as bicicletas e depois os automóveis. As vias arteriais tangenciam o centro e os trens não o cruzam.



Figura 19 : Vista aérea de Juiz de Fora.
Fonte: Google Earth.



Figura 20 : Vista aérea de Florença.
Fonte: Google Earth



Figura 21: Lições de Arquitetura, Herman Hertzberger
Fonte: https://pbs.twimg.com/media/CX3k0ZIWYAAJiQ_.jpg

Segundo o dicionário *Michaelis* a palavra fôlego pode ser entendida como “alento, ânimo, coragem” e será com esta conotação abordada neste capítulo.

Todo o conteúdo exposto e analisado até aqui servirá como o fôlego para traçar as diretrizes e buscar de alguma forma transpor a teoria para a prática.

5.1 Diretrizes para o TCC II

O projeto será desenvolvido na cidade de Juiz de Fora e o recorte da área será o centro, por ser o espaço com maior fluxo de pessoas, vindas de todas as áreas e provavelmente a área que mais sofre com o adensamento e a falta de espaços livres e públicos.

A ideia inicial é trabalhar com um projeto macro, que envolve mudanças no trânsito e na mobilidade e o micro, que envolve lotes vazios, pequenas áreas livres públicas (não necessariamente áreas que já são praças) e intervenções dinâmicas ao longo de percursos criados com o objetivo de chamar atenção a causa.

Proporemos aqui a errância urbana como experiência multissensorial, corpo-a-corpo, praticando um mergulho na cidade, conhecendo pessoas, percursos, dificuldades e prazeres reais; interagir, observar, desenhar, escrever ou fotografar a poética da experiência urbana.

Toda experiência comovente com a arquitetura é multissensorial; as características de espaço, matéria e escala são medidas igualmente por nossos olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, esqueleto e músculos. A arquitetura reforça a experiência existencial, nossa sensação de pertencer ao mundo, e essa é essencialmente uma experiência de reforço da identidade pessoal. (PALLASMAA,2011, p 39).

Uma ação de descobrimento da cidade, de seus pequenos lugares e de suas diferentes sensações; intercalando percursos explorativos e espaços para contemplação, perceber as relações do corpo com o meio, olhar ao redor, conhecer a paisagem urbana, assim como os pequenos detalhes, as misturas, as cicatrizes...

Campo de intersecção de pintura e fotografia, cinema e vídeo. Entre todas essas imagens e a arquitetura. Horizonte saturado de inscrições, depósito em que se acumulam vestígios arqueológicos, antigos monumentos, traços de memória e o imaginário criado pela arte contemporânea. Esse cruzamento entre diferentes espaços e tempos, entre diversos suportes e tipos de imagem, é que constitui a paisagem das cidades. (PEIXOTO, 2004, p. 13)



Figura 22: Lisboa, Portugal
Fonte: Feita pela autora

6. Epílogo

Chegando a reta final desta etapa do trabalho me sinto otimista com o que pode vir pela frente. Através das leituras e releituras feitas e dos estudos de caso analisados me sinto esperançosa ao ver quantas pessoas compartilham dos mesmos ideais e dos projetos que almejo realizar.

Há um sentimento crescente de que o mundo para além da nossa porta é um mundo hostil, de vandalismo e agressão, onde nos sentimos ameaçados, nunca em casa. No entanto tomar esse sentimento generalizado como ponto de partida para o planejamento urbano seria fatal. (HERTZBERGER, 1999, p. 48).

Foi prazeroso retomar as leituras que já há tempos atrás eu já havia me identificado, como os textos de Paola Berenstein Jacques, Juhani Pallasmaa e Wim Wenders. Seus textos abordam que para mim sempre foram complementares. E montá-los como num quebra-cabeça, relacionando-os com os meus pensamentos e também adicionando outras referencias, como Herman Hertzberger, Gordon Cullen, Italo Calvino e tantos outros, foi uma atividade muito edificante.

Com o fechamento deste ciclo e abertura do próximo espero conseguir de alguma forma transformar a teoria em projeto e quiçá em prática e poder quem sabe melhorar de alguma forma a vida de alguém. Tenho consciência que um arquiteto e urbanista não pode resolver os problemas do mundo e que existem muitas outras necessidades mais importantes no percurso, mas acredito na arte, na sensibilidade, nas pequenas ações diárias como uma forma de iluminar o caminho e como um caleidoscópio mudar as perspectivas, expandir para novas realidades.



Figura 23: *Foro Romano*, Roma.
Fonte: Feita pela autora.

7. Bibliografia

ABOUT FLORENCE. **História de Florença.** Disponível em: <<http://www.aboutflorence.com/pt/historia-de-Florenca.html>>. Acesso: 24/11/2016.

BANDEIRA, Manoel. **Declaração de amor.** Disponível em: <http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20mata/univlrcidades/Cidades/juiz_de_fora/declaracao.htm>. Acesso: 18/01/2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BASURAMA. **Equipamento extraordinário.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/611142/equipamento-extraordinario-basurama>>. Acesso: 13/01/2017.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis.** Rio de Janeiro: O Globo. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana.** Lisboa: Edições 70, 1983.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de arquitetura.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes.** Salvador: EDUFBA, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LOTES VAGOS. **Expansões, ação coletiva de ocupação urbana experimental.** Disponível em: <<http://lotevago.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12/01/2017.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da Língua Portuguesa.** Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 14/12/2016 e 22/01/2017.

MORAES, Vinícius de. **Soneto de Florença.** Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/soneto-de-florenca>>. Acesso em: 18/01/2017

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PALLAMIN, Vera M. **Florença: desenvolvimento urbano e arte pública.** Estudo sobre o centro histórico no período de 1945 a 1994. Revista do programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo da FAUUSP. São Paulo, 1996.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele.** Porto Alegre: Bookman, 2011.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas.** 3. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

PORO. **Intervenções urbanas e ações efêmeras.** Disponível em: <<http://poro.redezero.org/>>. Acesso em: 12/01/2017.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **História da Cidade**. Disponível em: <<https://www.pjf.mg.gov.br/cidade/historia.php>>. Acesso: 23/11/2016

SECCHI, Bernardo. **Primeira lição de urbanismo**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

TODO POR LA PRAXIS. **Cinema Usera**. Disponível em: <<http://www.todoporlapraxis.es/?p=2693>>. Acesso em: 13/01/2017

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VENTURI, Robert. SCOTT BROWN, Denise. IZENOUR, Steven. **Aprendendo com Las Vegas**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

UCAM ARQUITECTURA. **Aula de arquitetura social**. Disponível em: <<http://ucamarquitectura.blogspot.com.br/2014/04/aas-concurso-europeo-ice.html>>. Acesso em: 13/01/2017

VJSUAVE. **Suaveciclo**. Disponível em: <<http://vjsuave.com/suaveciclo/?lang=pt-br>>. Acesso em: 12/01/2017.

WENDERS, Wim. **A paisagem urbana**. Revista do IPHAN. n 23, 1994.



Figura 24: Lições de Arquitetura, Herman Hertzberger
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/564568503269634443/>

ANEXO A - Poro

Poró - Perca Tempo - Centro e Pampulha, Belo Horizonte, MG

O Poró é uma dupla de artistas formada por Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada! Atua desde 2002 com trabalhos que buscam apontar sutilezas, criar imagens poéticas, trazer à tona aspectos da cidade que se tornam invisíveis pela vida acelerada nos grandes centros urbanos, estabelecer discussões sobre os problemas das cidades, refletir sobre as possibilidades de relação entre os trabalhos em espaço público e os espaços “institucionais”, lançar mão de meios de comunicação popular para realizar trabalhos, reivindicar a cidade como espaço para a arte.

Com a realização de intervenções urbanas e ações efêmeras, o Poró procura levantar questões sobre os problemas das cidades através de uma ocupação poética dos espaços.

Ação que consiste em abrir uma faixa nos cruzamentos, enquanto o sinal de trânsito está fechado. Ao mesmo tempo pessoas distribuem panfletos com a inscrição: “Perca tempo”. Há também uma banca de informações, na qual são distribuídos os panfletos intitulados “10 maneiras incríveis de perder tempo” e “+10 maneiras incríveis de perder tempo”. Todos os participantes da ação têm um bottom afixado na roupa, com os dizeres: “Perca tempo. Pergunte-me como.”.

Texto: Poró

Disponível em: <http://poro.redezero.org/intervencao/perca-tempo/>



Figura 25: Perca Tempo, Poro.

Fonte: <http://poro.redezero.org/intervencao/perca-tempo/>

ANEXO B – Lotes Vagos

Lotes Vagos - Banquetes - Belo Horizonte, MG.

Foi criado por Louise Ganz em colaboração com Breno Silva, como uma ação coletiva de artistas e arquitetos, para transformar lotes de propriedade privada em espaços públicos temporários. O processo de construção urbana é hoje baseado na lógica do mercado, da especulação imobiliária, do estímulo à espetacularização dos espaços, e paralelamente vem aumentando a segregação e o medo entre os habitantes. Esse projeto de ação coletiva propõe outro caminho – realçar uma rede de espaços vazios, que são potenciais de respiração e invenção. Belo Horizonte possui 70 mil lotes vagos, o que corresponde a 10% das propriedades privadas da cidade, e se somadas correspondem à uma porcentagem imensa de áreas disponíveis e próximas de toda a população. Os tipos de ocupação dos lotes não visam eliminar esse caráter meio abandono, meio memória vegetal, topográfica e arqueológica. Permanece um certo caráter de vago mesmo, senão vira empreendimento. As intervenções são nesse limite, entre vago e propositivo. As possibilidades de ocupações livres problematiza os modos de vida social hoje, abordando questões como as noções de propriedade, meio ambiente, ócio, comunidades, ética e estética. Os diversos processos de intervenção nos lotes foram feitos após negociações com seus respectivos proprietários, os quais emprestaram os lotes por períodos distintos, e os trabalhos envolviam as populações locais. Participaram desse projeto - Ana Paula Baltazar, Breno Silva, Cinthia Marcelle, Fabíola Tasca, Grupo MOM, Hélio Passos, Ines Linke, Laís Myrrha, Louise Ganz, Marilá Dardot, Melissa Mendes, Rodrigo Borges, Rita Velloso, Ronaldo Macedo, Sara Ramo, Silke Kapp.

Texto: Lotevago.
Fonte: <http://lotevago.blogspot.com.br/>



Figura 26: Banquete, Lotevago.
Fonte: <http://lotevago.blogspot.com.br/>

ANEXO C - Basurama

Basurama - Equipamento Extraordinário – São Paulo, SP.

O Basurama é um coletivo que realiza projetos de arte e design para transformação social através de estratégias lúdicas e participativas. Os protagonistas de seus projetos são os resíduos e os processos relacionados com sua produção na sociedade de consumo.

Uma rede gigante para trepar, se deitar e brincar na Virada Cultural de São Paulo. Só para crianças 0-99 anos. Os espaços urbanos precisam de Equipamentos que facilitem o relacionamento entre as pessoas, onde sintam-se confortáveis para conversar, brincar e se amar, ou seja, para exercer seus papéis como cidadãos de pleno direito. A matéria prima para essa transformação é incrivelmente abundante, as bobinas industriais, postes de iluminação obsoletos, os pneus que usamos podem se encontrar de graça em qualquer lugar do mundo desenvolvido. Com a colaboração de várias pessoas e algumas pílulas de conhecimentos específicos, podemos fazer isso realidade. Nas últimas intervenções do Basurama em várias praças e parques de São Paulo, a rede de pescador foi o elemento que juntou várias pessoas tecendo esses resíduos 'pescados' na cidade e resignificando-os como espaço de jogo. A rede tira as pessoas do chão para encostar e trepar e tira também esses preconceitos dos quais é doente o espaço urbano, desigualdade, pobreza e violência.

Texto: Basurama

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/611142/equipamento-extraordinario-basurama>



Figura 27: Equipamento Extraordinario, Basurama
Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/611142/equipamento-extraordinario-basurama>

ANEXO D – VJ Suave

VJ Suave - Suaveciclo – São Paulo, SP.

VJ Suave é um duo de artistas audiovisuais formado por Ceci Soloaga e Ygor Marotta, residentes em São Paulo trabalham juntos desde 2009.

Especialistas em arte digital, VJ Suave trabalha animação quadro a quadro projetada na superfície urbana, misturando tecnologia com street art. Com suas obras, o duo propõe um momento único de conexão entre o espectador e a cidade, misturando história animada com vida real. As animações projetadas em movimento fazem a narrativa ganhar vida. A animação é desenvolvida a partir de desenhos feitos a mão e projetados de acordo com a arquitetura do espaço, iluminando paredes, árvores, prédios e diferentes superfícies da cidade.

Suaveciclo é uma performance que utiliza triciclos audiovisuais adaptados com projetor, computador, caixas de som e baterias. Eles são usados como suporte para que personagens ganham vida e percorram o espaço aberto, iluminando as paredes em grande escala. As projeções iluminam paredes, árvores, calçadas e todo espaço urbano, propondo a interatividade das animações com o público. Através do vídeo manipulado em tempo real, VJ SUAVE leva a arte itinerante para todos os públicos, criando momentos únicos entre a cidade e o espectador.

Texto: DJ Suave
Fonte: <http://vjsuave.com/suaveciclo/?lang=pt-br>



Figura 28: Suaveciclo, DJ Suave
Fonte: <http://vjsuave.com/suaveciclo/?lang=pt-br>

ANEXO E – UCAM Arquitectura

UCAM Arquitectura - Aula de Arquitectura Social – Concurso, Europa.

A Iniciativa de Cidadania Europeia que propomos vai de encontro a melhorias das condições de vida dos cidadãos e, para isso, primeiramente analisamos quais são os problemas que mais preocupam a sociedade. Consultamos a última medição do Centro de Investigação Sociológica que mostra resultados esclarecedores: mais de 75% dos entrevistados consideram que o desemprego é o maior problema. O crescimento econômico dos anos anteriores à crise na maioria das cidades europeias tem feito com que uma quantidade importante dos recursos existentes - tanto públicos como privados - tenham se direcionado ao aumento dos espaços residenciais e aos grandes equipamentos socioculturais, deixando de lado tanto os centros históricos das cidades como os bairros mais insalubres, gerando uma série de vazios urbanos, isto é, todos aqueles terrenos inseridos num tecido consolidado que, por diferentes circunstâncias, não tiveram a ocupação prevista em médio e em longo prazo.

O que propomos é legislar o uso programático destes vazios urbanos conferindo-lhe um uso temporal e com a maior flexibilidade possível, a fim de alcançar os seguintes objetivos:

Reativação urbana que gerará postos de trabalho

Trazer serviços aos bairros do centro histórico, sobretudo naqueles mais degradados, já que devido à crise econômica, o investimento em infraestrutura pública vem sendo reduzido de maneira considerável.

Conscientizar a população, fazendo com que ela participe do projeto, tanto na detecção do problema como na proposição de novos usos.

Melhoria da imagem das cidades.

Texto: UCAM Arquitectura

Fonte: <http://ucamarquitectura.blogspot.com.br/2014/04/aas-concurso-europeo-ice.html>

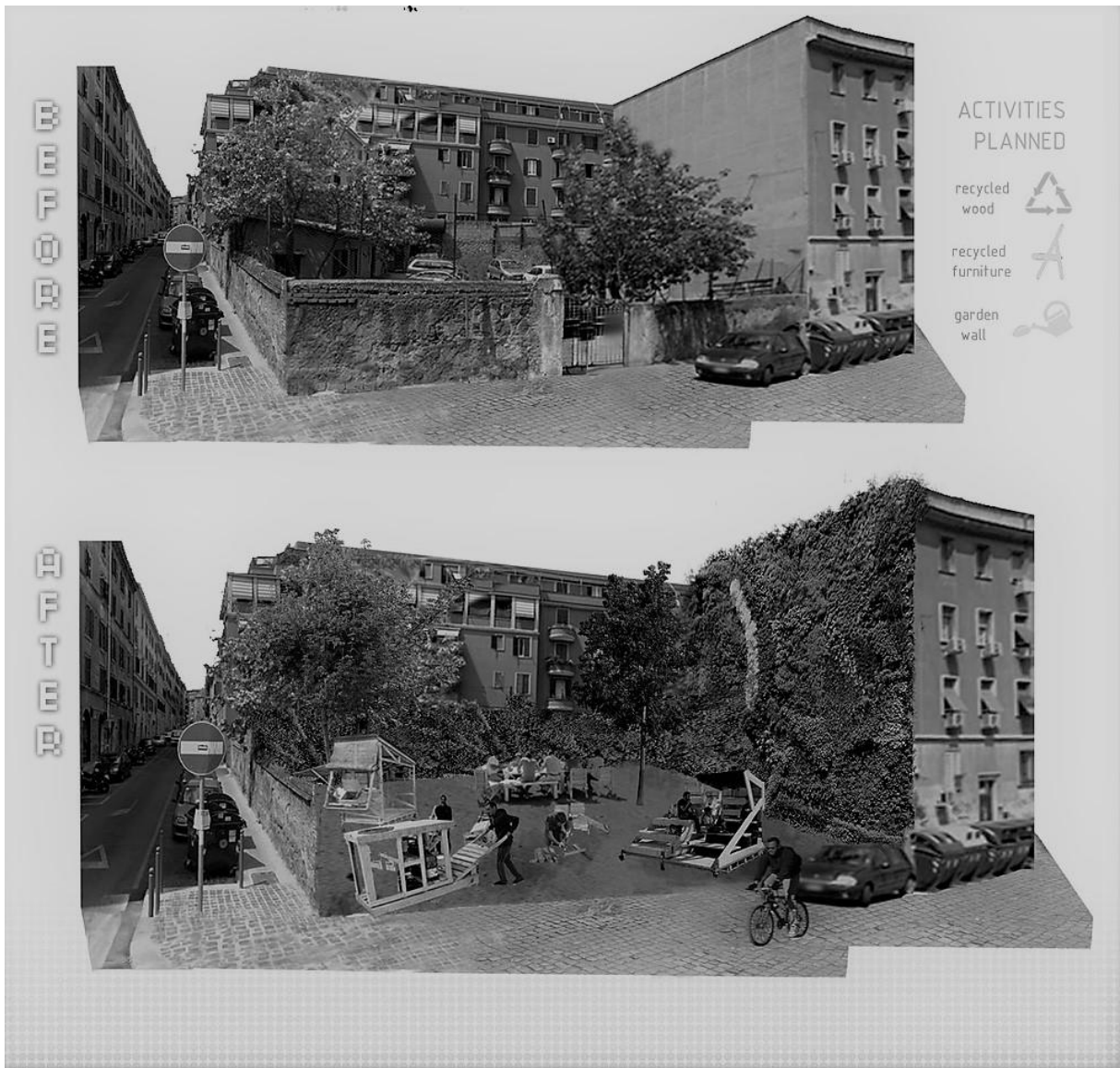


Figura 29: Aula de Arquitetura Social, UCAM Arquitectura
Fonte: <http://ucamarquitectura.blogspot.com.br/2014/04/aas-concurso-europeo-ice.html>

ANEXO F - Todo por la Praxis

Todo por la Praxis - Cinema Usera – Madrid, Espanha.

O cinema Usera faz parte do projeto Paisaje Sur, através de colaboração de agentes culturais do distrito de Usera como o Kubrik Fabrik, Espacio Oculto Madrid, Asociaciación Creática, associação de vizinhos junto com Intermediae e o coletivo Todo Por la Praxis, em colaboração com We Diseñamos onde se articula um processo de co-gestão para o desenvolvimento de uma infraestrutura temporária em um espaço público. O trabalho consistiu no desenho e construção de um dispositivo que possibilita distintos formatos de programação cultural. A intervenção conta com uma cápsula cultural (depósito cilíndrico que permite o desenvolvimento de atividades de pequeno porte), um palco e tela de projeções, onde podem se desenvolver diversas atividades cênicas, áudio visuais e performances e bancos em forma de grade que se adaptam ao espaço de projeção. A programação é aberta para propostas de intervenção.

Texto: Todo por la Praxis

Fonte: <http://www.todoporlapraxis.es/?p=2693>



Figura 30: Cinema Usera, Todo por la praxis.
Fonte: <http://www.todoporlapraxis.es/?p=2693>

ANEXO G - Anders Ryman

Anders Ryman - *Rites of Life*

Anders Ryman é um fotógrafo e escritor baseado na Suécia. Durante os estudos de pós-graduação em antropologia cultural na Universidade de Uppsala na década de 1980, ele passou um ano fazendo trabalho de campo antropológico em Samoa, Polinésia. Depois de voltar para a Suécia, decidiu dedicar-se à fotografia e à escrita, focalizando-se inicialmente na região do Pacífico Sul e atualmente trabalha em todo o mundo.

As mais belas imagens do *Rites of Life* estão exibidas ao ar livre, composta de 66 imagens, montadas em telas iluminadas separadas, disponibilizando a exposição ao público 24 horas por dia. O projeto também é apresentado como uma exposição indoor, composta de 55 imagens acompanhadas de legendas estendidas. Também está disponível um material para download atrás das telas que dão informações sobre o trabalho de Anders Ryman.

Texto: Anders Ryman
Fonte: <http://www.ritesoflife.com/>



Figura 31: Rites of Life, Anders Ryman
Fonte: <http://www.ritesoflife.com/>

ANEXO H - Tri-oh!

Tri-oh! - *Cité surprise* – Madrid, Espanha e Paris, França.

Desde 2008, o Tri-oh! desenvolve e afirma a diversidade, contando com o trabalho de Javier Pena Ibanez e Cristina Sanchez Algarra, atuando nas áreas de: planejamento urbano, arquitetura da paisagem, vídeo arte, fotografia e arquitetura. Este grupo nasceu do encontro na Escola Nacional de Arquitectura de Madrid; convencido do interesse de estar na intersecção de várias disciplinas, a produção ainda é marcada pelo desejo de desenvolver uma forte abordagem teórica baseada na análise arquitetônica e sociológica, isto é, para mudar o visual da cidade, no aprofundamento da democracia e participação cidadã, renovação e reabilitação, a crítica urbana em vários caminhos. Esta abordagem rica começa sempre a partir do exame específico do prédio, o bairro, a cidade e/ou território e chega aos detalhes de itens menores.

Cité surprise trata-se de uma intervenção com caixas que invadiram o pátio do hotel e escondem suas surpresas. O público pode andar em torno, entrar e se esconder. O visitante é também protagonista da instalação, descobre a cidade escondida, espaços esquecidos, vazio. As caixas são transformadas em caleidoscópios, com deslumbrantes vistas para o pátio, para o céu e para os visitantes.

Texto: Tri-oh!

Fonte: <http://festivaldesarchitecturesvives.com/cite-surprise-cite-surprenante>

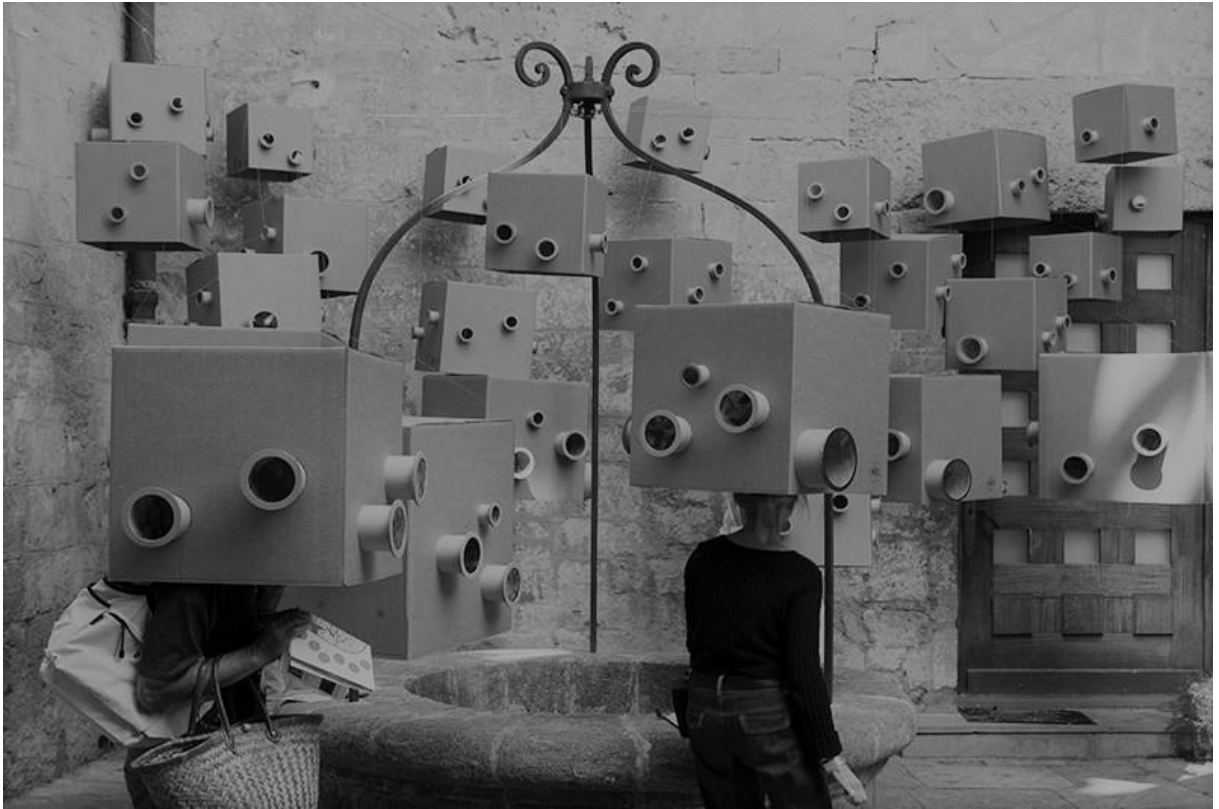


Figura 32: Tri-oh! - *Cité surprise*

Fonte: <http://festivaldesarchitecturesvives.com/cite-surprise-cite-surprenante>